



## O BRock no ensino de História.

### *The BRock in the History teaching*

---

**Luís Felliipe Fernandes Afonso**

<https://orcid.org/0000-0003-3126-9945>

Doutor e mestre em História Comparada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC - UFRJ).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5760175241979023>

[lfafogo@yahoo.com.br](mailto:lfafogo@yahoo.com.br)

## Resumo

Por ser tão presente em nosso cotidiano, a música muitas vezes atrai a atenção dos ouvintes mobilizando corações e mentes, por isso, ela pode ser uma importante ferramenta nas aulas de História. Os debates em sala se enriquecem quando trazemos essa fonte histórica para ser mais uma lupa em nossas investigações com os alunos. Partindo dessa premissa, nesse artigo iremos pensar como o rock brasileiro feito na década de 1980, o BRock, pode ser usado para expandir nossas visões sobre o final da Ditadura Civil Militar no Brasil. Pensaremos aqui a música não apenas como letra, percebendo que mais do que uma forma de expressão, ela é uma importante força social que é utilizada pelos grupos a partir de suas várias gramáticas. Trazer parte do pensamento desses jovens e como eles usaram a música como forma de se expressar e de agir politicamente aproxima aquela realidade histórica do aluno em sala, refletindo sobre suas continuidades dentro de nossa sociedade.

## Palavras-chave

Ditadura Civil Militar. Ensino de História. Juventude. Rock.

## *The BRock in the History teaching*

## Abstract

Because it is so present in our daily lives, music often attracts the attention of listeners, mobilizing hearts and minds, which is why it can be an important tool in History classes. Classroom debates are enriched when we bring this historical source to be another magnifying glass in our investigations with students. Based on this premise, in this article we will think about how the Brazilian rock made in the 1980s, BRock, can be used to expand our views on the end of the Civil Military Dictatorship in Brazil. We will think of music here not just as lyrics, realizing that more than a form of expression, it is an important social force that is used by groups based on their various grammars. Bringing part of the thoughts of these young people and how they used music as a way of expressing themselves and acting politically brings that historical reality closer to the student in the classroom, reflecting on its continuities within our society.

## Keywords

Civil Military Dictatorship. History Teaching. Rock. Youth.



## 1. Introdução

A História é a ciência que estuda o presente. Para isso, ela busca no passado as origens e o desenvolvimento de diversos fatores sociais. A função do professor de História é trazer para a sala de aula a análise das transformações pela qual passou nossa sociedade, criando assim um conhecimento coletivo a partir dos debates feitos com seus alunos sobre os elementos presentes em seu dia a dia.

Essa discussão pode ser apresentada de diversas formas, desde as mais tradicionais como aulas expositivas até as mais interativas com a ajuda das novas tecnologias digitais. Dentre elas, destacaremos o uso das fontes históricas, que são documentos feitos em um período ou sobre uma época ou grupo social. Existem várias fontes que podem ser usadas, desde registros governamentais, cartas e moedas até roupas, filmes, revistas e gírias. Nesse artigo, a ênfase será nos usos da música como fonte histórica, em especial o rock.

Desde os primórdios a música esteve presente na história da humanidade. A música influencia como as pessoas constituem seus corpos, conduzem seus atos, experimentam a passagem do tempo e como compreendem a si e o mundo a sua volta, tornando-se uma importante força social. Tais fontes ajudam a ampliar a visão que temos sobre diversos períodos, trazendo novos questionamentos e alcançando um público maior, afinal, sendo um assunto popular na sociedade, muitos alunos encontram na música uma forma de arte que ilustra os eventos apresentados nas aulas expositivas.

Em minha experiência como professor, pude notar como a música se apresenta como um facilitador para que os alunos tenham um contato melhor com os eventos históricos. Se até o século passado nos limitávamos à reprodução de alguns discos ou a apresentação das letras como um texto para se trabalhar os sentidos musicais, com o advento de novas tecnologias, no século XXI ampliamos as ferramentas que nos ajudam em sala ao nos proporcionar explorar mais as gramáticas da música. Os aplicativos de reprodução de áudio como *Spotify* e *Deezer* ajudaram a democratizar o acesso a diversos artistas, sem a necessidade de se possuir o álbum. As capas dos discos são encontradas numa rápida pesquisa pelo *Google*. Já o *Youtube* facilitou o acesso a shows e entrevistas, fazendo com possamos observar a performance dos músicos e a reação da plateia.

A partir dessas ferramentas, podemos utilizar as letras musicais para trabalhos individuais ou em grupos que fazem paralelos com os eventos estudados em sala, podendo reproduzi-las ou não



para a turma. Também podemos trazer ritmos de sucesso hoje e analisar suas mudanças a partir das transformações da sociedade. Outra estratégia é passar as apresentações dos artistas e bandas e partir de sua performance ou reação dos seus fãs.

Nesse trabalho, partiremos do BRock<sup>1</sup> para entendermos como a música deu voz a algumas juventudes brasileiras na década de 1980 ao mesmo tempo em que foi utilizada como ação política através dos elementos que a constituem. Somados a isso, esse gênero pode ser uma ferramenta importante para ilustrar as críticas feitas por esses jovens a Ditadura Civil Militar (1964-1985) e como eles sentiam o processo de Redemocratização do Brasil, produzindo um debate com a turma sobre quais questões foram solucionadas e quais ainda continuam em nossa sociedade.

A Ditadura Civil Militar foi um período autoritário que se iniciou com o golpe de 1964 que depôs o presidente João Goulart e deu aos militares, apoiados por parte da sociedade civil, o controle do governo brasileiro por mais de 20 anos. Marcado por uma severa repressão aos seus opositores que ia desde a censura e o exílio até torturas e assassinatos. Trazer as discussões sobre esse período é lembrar sobre suas mazelas e dos efeitos produzidos por elas até hoje em nossa sociedade, principalmente quando grupos extremistas tendem a exaltar essa época. A música é uma aliada da História na luta contra essa nostalgia da violência ao trazer para uma nova geração os perigos que certos governos produzem para a sociedade.

## 2. Os usos da música pela História.

No Brasil, a música popular ocupa um lugar de destaque em nossa história, sendo aqui um lugar privilegiado para se pensar e ouvir música. Para Napolitano (2002, p.3),

...[a música é] lugar de mediações, fusões, encontro de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico nacional. Além disso, a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais.

Naves (2010, p.19) nos lembrou de que a música é tão importante em nossa sociedade ao ponto de os músicos participarem ativamente do debate social. Na Ditadura Civil Militar, a música se apresentou como um poderoso instrumento seja na política ou na construção de novas identidades. Nesse período, a canção popular se transformou no local por excelência do debate estético e cultural, tomando a dianteira de outros tipos de artes que dominavam anteriormente essa discussão, como o teatro e as artes plásticas (NAVES, 2010, p.19-20). Os músicos passaram a ser



considerados formadores de opinião e elevados à categoria de intelectuais, o que aumentou ainda mais a força da música ao expandir sua ação de mediadora social.

Devido a essa importância, a música vem sendo cada vez mais utilizada como um objeto de análise dentro da sala de aula, contudo, essas ações em sua maioria se resumem a um olhar exclusivo da parte literária da canção, ou seja, apenas para a letra. Isso prejudica o estudo, afinal, essa prática exclui as outras gramáticas – dança, performance, estilo, ritmo, instrumentos, entre outras – que são necessárias para a total compreensão do significado da música.

Barros (2018, p.27) nos chama a atenção para o fato de que uma pequena parte da música é o canto - uma mistura de obra musical com poética – porém, é nela onde boa parte dos trabalhos se prendem quando trabalhamos a música popular. Para o autor, ao considerar apenas a letra, o historiador não estaria fazendo um trabalho de História e música, mas sim um sobre a “História da poesia cantada” (BARROS, 2018, p.27).

Junto dele, outro crítico é Friedlander (2006) que nos alerta para suas restrições. O autor defende que os significados mudam no decorrer dos processos de produção, gerando um produto ou, nas palavras do autor, “lançado como um texto” (FRIEDLANDER, 2006, p.17). Isso será apresentado dentro de um contexto com determinadas condições sociais que moldam sua percepção, produzindo um filtro social que será modificado dependendo de diversos fatores sociais, geográficos e temporais. Sendo assim, uma mesma música pode ter significados diferentes.

Segundo esse autor, não podemos trabalhar a música apenas como uma relação de causa e efeito a partir das letras (FRIEDLANDER, 2006, p.397). Captar o sentido de uma música popular não é a mesma coisa que interpretar uma letra, afinal as palavras possuem um sentido diferente para pessoas diferentes. Por isso, é necessário em sala de aula contextualizar a canção dentro da realidade histórica-social em que ela foi produzida ou reproduzida e ouvir como os alunos a interpretam.

Ao mediar um debate ou atividade que use música, um professor deve apresentar primeiramente o contexto histórico, político, cultural e econômico em que aquela canção foi apresentada. Se possível, também trazer para a sua turma o histórico do artista ou banda, os instrumentos utilizados, quem era sua plateia e os meios em que a música foi reproduzida e divulgada. Isso ajuda na compreensão total do significado da canção, além de facilitar o entendimento do aluno sobre o objetivo desse exercício.



Outro problema de nos limitarmos à música como texto é esquecermos os outros aspectos que também são importantes para entendermos o seu significado, afinal, há todo um processo social que é inerente ao texto. Para Frith, desde o momento que observamos as palavras a partir da performance abrimos espaço para outras formas de análise (FRITH, 1998, p.166). O ritmo, o jeito de se portar no palco, a dança, tudo isso se torna relevante para entendermos as características do objeto apresentado.

O sentido da música não está limitado a uma convenção discursiva, mas ao comportamento social. Adotar um ritmo ou seguir suas premissas é definido tanto pelas habilidades musicais quanto por uma questão ideológica (FRITH, 1998, p.87). Mesmo com uma análise do contexto histórico onde uma música é produzida poderá se mostrar falha se não observarmos as questões comportamentais e as ideologias do grupo que a adota e a reproduz. Essas diferenças podem mostrar tensões dentro de certos grupos, disputas essas que não seriam percebidas caso nos limitássemos apenas a interpretações das letras.

A partir daí, podemos entender que o significado das canções não está no que é dito, mas sim em como é expresso. Nesse quesito, os sites de compartilhamento de vídeos, com destaque para o *Youtube* e seu imenso catálogo, servem de grande ajuda. É possível encontrar nesses locais diversas performances de vários artistas, originais e *covers*; famosos e amadores; homenagens e sátiras. Com isso, podemos perceber que uma mesma música pode ter vários significados ao ser gravada por artistas diferentes que possuem propostas diferentes.

Podemos trabalhar, a partir daí, como uma música muda de interpretação a partir do contexto histórico em que ela é gravada. Ao trabalharmos com regravações é interessante apontar para os alunos como uma música romântica pode ganhar uma conotação política ou de crítica social ao ser gravada em outro momento, como veremos mais a frente.

A partir dessas reflexões, podemos pensar como o BRock pode ser usado para discutir a Ditadura Civil Militar. Partiremos de duas formas de análise. A primeira delas é a mais clássica, onde pegamos algumas letras musicais para ilustrar como essas juventudes lidavam com as questões políticas desse período, depois disso usaremos a primeira edição do festival Rock in Rio para mostrar como esses jovens usaram diversas gramáticas musicais para darem sua opinião sobre as eleições indiretas de 1985.



Essas são duas formas podem ser trabalhadas com facilidade em sala de aula, desenvolvendo tanto exercícios individuais quanto em grupos. Mas, para isso, é necessário contextualizar os alunos sobre o final da Ditadura, apresentando como as juventudes se viam nesse momento de retomada do poder pela sociedade civil e quem eram esses jovens roqueiros.

### 3. O BRock

Primeiramente, devemos entender as mudanças que estavam ocorrendo na década de 1980 no Brasil. Nessa época o país, que recebeu de volta os exilados políticos, graças a Lei da Anistia de 1979, retomou a lentos passos o espaço de participação da sociedade civil na política. Tal retomada muitas vezes entrou em choque com o planejamento dos militares, criando uma disputa na qual houve avanços e retrocessos políticos, como nos casos do movimento das “Diretas Já” e das eleições de 1982. Esses embates mostravam como o regime militar vinha perdendo força, o que ocasionou a eleição, mesmo que indireta, do primeiro presidente civil em 20 anos, Tancredo Neves.

Esperava-se dessas juventudes uma ação política parecida com a dos jovens dos anos 1960, afinal era o início do fim da Ditadura Civil Militar e aos poucos a sociedade civil retomava o poder. Tal fator levou setores da sociedade a considerarem a geração de 1980 como “alienada” e sem participação política, tal erro ocorreu por que os críticos não levam em consideração a influência do tempo histórico na formação de cada juventude (CARDOSO e SAMPAIO, 1995, p.24). Afinal, somos todos reflexos do nosso tempo, por isso as juventudes da década de 1980 criaram formas próprias de resposta a essas mudanças políticas e sociais.

Devemos ter em mente que uma parte considerável desses jovens nasceu pós-golpe de 1964, não passando por uma experiência democrática. Isso os levou a não acreditarem tanto nos partidos e nas organizações como melhora político-social. Sendo crianças também não possuíam ideia das perseguições políticas e dos horrores produzidos pela Ditadura Civil Militar. Assim, essas juventudes não viam na redemocratização a solução política e social, por isso se afastaram da ideia de que seriam elas as portadoras da esperança e das utopias que as gerações anteriores as legaram. Na peça *Trata-me Leão* do grupo jovem de teatro Asdrúbal Trouxe o Trombone, o personagem de Luiz Fernando Guimarães traduziu esse pensamento na fala: “não me mande ir à luta que eu não gosto. Tá legal? Vá à luta você” (BRYAN, 2004, p.22).



A partir dessa negação, a geração de 1980 produziu novos tipos de culturas no período, que foi sua principal voz. Os jovens trouxeram novos comportamentos e temas para o debate, que não eram o foco das gerações anteriores. Junto com a música, houve a divulgação em larga escala de todo um movimento cultural realizado por e pensado para os jovens, em várias mídias: cinema, artes plásticas, grafite, música, jornais, livros, artes visuais etc.

Um fotógrafo jovem produzia a capa de um disco de uma banda de rock jovem, que por sua vez era analisada por um jornalista jovem e utilizada em um filme sobre a juventude. Fecha-se um ciclo no qual as atividades de produção, divulgação, análise e consumo eram realizadas por esses grupos sociais, que se mostraram um forte nicho consumidor e produtor de cultura. Sendo a música o fio condutor de todo esse processo.

Aqui é necessário destacar que usamos a palavra “juventude” no plural para destacar que não podemos considera-la como um grupo homogêneo. Essas culturas eram feitas por vários grupos de jovens que vão se diferenciar a partir de diversos fatores que iam desde o local em que nasceram ou transitavam até sua formação escolar, classe social ou posição política. Eles se relacionam amistosamente a partir de pontos em comum.

Para facilitar, consideraremos daqui em diante esses jovens pertencentes a uma grande comunidade, mostrando que havia certa união. Mark Mattern, ao analisar a formação de comunidades e suas ações políticas, defende que a música serve para definir e manter uma comunidade diversificada promovendo distintas formas de ações para que esse grupo se imponha em seu meio; a música teria a função de "cola social", ao prender diversas identidades coletivas numa mesma comunidade, cujos conflitos de interesses geram negociações para tentar melhorar o convívio, contudo, ao mesmo tempo ela também teria uma função de “solvente social”, pois gera uma disputa entre os membros da comunidade para decidir quem detém esse poder sobre os outros grupos (MATTERN, 1998).

Com essa ideia, podemos afirmar que na década de 1980 houve uma ligação entre as culturas jovens para se impor na cultura brasileira, a partir de suas várias vertentes, tendo o BRock como principal representante e voz da juventude. Mesmo com as disputas e brigas entre algumas juventudes, esses grupos conseguiram se unir na maior parte do tempo em busca desse espaço maior dentro do campo cultural<sup>II</sup>.





O rock é um meio de interferência nos espaços públicos e privados pelos adolescentes, por intermédio de festas e shows musicais ou do atrito gerado entre as culturas juvenis e as normas e as instituições do mundo adulto, além de ser uma forma de o jovem fugir do tédio e, em alguns casos, da sensação de isolamento. Alguns jovens passam a se dividir em grupos, tendo a música como objeto de interação e união entre eles. Nesses grupos, os adolescentes trocam experiências e encontram uma sensação de proteção e acolhimento, afinal, estão com outras pessoas que pensam como ele e tem problemas parecidos, diferentes dos seus pais.

Outro fator essencial para entendermos o fascínio dos jovens pelo rock é sua atitude. Mais do que um gênero musical, o rock produz uma atitude de ruptura com as instituições e de imposição no espaço onde atua, na qual o adolescente se identificava e utilizava para conseguir seu lugar na sociedade. Das danças as roupas, passando pela própria música, a atitude roqueira se apresentava como a principal expressão dessa comunidade. É possível encontrar essas características na comunidade jovem brasileira na década de 1980.

Para o jovem se impor é necessário que ele negue a geração anterior como forma de legitimar o seu modo de pensar e ganhar espaço na sociedade. Para o BRock se impor foi necessário que a MPB fosse deslegitimada pela juventude da década de 1980. Para o cantor Leoni “já havia MPB demais; e, que quando adolescente, são as diferenças que denotam sua identidade” (ALEXANDRE, 2002, p.180). Na visão de parte desses jovens, a MPB era algo velho e ultrapassado que não conseguia se comunicar com eles nem com aquela realidade brasileira. A maioria dos artistas já estava próxima dos 40 anos, por isso tinha outras questões pelas quais cantar, afastando-se dos questionamentos de parte da juventude do período. Tal distanciamento fez com que o jovem brasileiro da década de 1980 tenha sua formação musical desenvolvida a partir de ritmos internacionais, que foram adaptados e reestruturados para a realidade nacional.

Isso abriu espaço para o BRock receber influência direta de dois movimentos musicais originários da Inglaterra e dos EUA: o *Punk* e a *New Wave*. Esses ritmos marcaram a atitude nas músicas dessas bandas, diferenciando-as do que havia sido feito de rock no país anteriormente. Ambos os gêneros adotam uma simplicidade musical e referências diretas à cultura pop e a realidade urbana, proporcionando uma aceitação mais ampla da juventude urbana estudada.

Sendo uma reação à preciosidade técnica do rock progressivo, a música *Punk* se contrapõe a esse estilo adotando melodias simples e letras agressivas, criticando a situação política, econômica e



social do mundo. Seu ápice mundial foi no final da década de 1970 na Inglaterra, tocada por jovens das classes operárias que sofriam com a falta de empregos.

A ideia do *Punk* é que, sendo uma arte crua, atingiria mais facilmente as emoções. Pregando uma atitude política extremamente revolucionária, adota o lema “faça você mesmo”, defendendo que todo e qualquer ato deve ser feito de modo a romper completamente com o *status quo*.

As letras das bandas *punks*, principalmente das paulistas, insistem nas denúncias de exploração das classes trabalhadoras, nos jovens desempregados, na situação de miséria do seu meio, no vazio existencial e na repressão policial. Fizeram questão de afirmar que viviam no subúrbio e expor a hierarquia social. Para os *punks*, a denúncia do que não deveria estar acontecendo era primordial.

Esses temas apareciam, pois o país passava por um momento de grave crise econômica e tinha um alto índice de desemprego, sendo parte desses jovens pertencentes às classes trabalhadoras, acabavam afetados diretamente por essa crise. Surgiu um sentimento de revolta e insatisfação entre alguns jovens que encontraram no movimento punk uma forma de atuar na sociedade.

Com isso, o *Punk* não pode ser visto apenas como mais um estilo musical derivado do rock, ele é adotado como um estilo de vida, tendo vestimenta e relações sociais próprias. Ao adotá-lo o jovem se vê fazendo parte de uma comunidade, cujos membros criam uma identidade de grupo fechado e muitas vezes hostil aos não membros.

A segunda influência do BRock foi o chamado *New Wave*, movimento musical derivado do *Punk*. Esse estilo musical é mais focado na melodia, apresentando certa complexidade, e dialoga com outros gêneros como o *Reggae*, o *Classic Rock* e a *Disc Music*. Sua atitude também é crítica em relação à sociedade, mas não tão agressiva quanto o *Punk*, pegando desse a presença de palco e o jeito não convencional da vestimenta. Aqui a contestação sai um pouco do plano político-social e passa para o plano moral.

As bandas que optam pelo estilo *New Wave* utilizam a cultura pop para criar uma identidade jovem dentro do meio musical. Tanto nas letras quanto nas vestimentas são notados diversos símbolos culturais que pertencem ao universo jovem, como quadrinhos, referências a esportes da moda ou programas de TV. Diferente do *Punk*, a *New Wave* não procura romper com a sociedade, mas impor-lhe sua estética. Suas bandas utilizam um discurso mais informal, usando



gírias e se utilizando da linguagem cômica ao falar do universo jovem. As apresentações são valorizadas como espetáculos, onde, além da música, os artistas realizam performances no palco.

#### 4. *O uso das letras.*

A partir desse resumo sobre quem eram esses roqueiros e qual o contexto histórico que eles estavam inseridos, vamos partir para a análise de algumas músicas feitas por artistas do BRock. Esse exercício pode ser feito tanto pelo professor como uma atividade expositiva ou em conjunto com seus alunos, pedindo para eles discutirem sobre os temas que aparecem nas canções que mais os chamou a atenção.

Ao focarmos nessa tarefa em um estudo sobre rock, devemos ter em mente que também falamos da visão política dessa comunidade. Segundo John Street (2012), música e política não podem ser vistas como entidades separadas, mas sim como extensões de si. Na música temos embutidos valores e experiências políticas, ao mesmo tempo em que ela é uma forma de organização da ação e do pensamento políticos. O autor defende a tese de que por isso a música não deve ser visto apenas como um veículo de expressão política, ela é a própria expressão. Com isso, podemos afirmar que trazer essas músicas para a sala de aula é apresentar aos alunos toda essa experiência organizacional e as questões dessa comunidade na década de 1980.

Abaixo temos uma das mais significativas músicas dessa geração, que ainda é usada em manifestações sobre instituições políticas, “Que país é este?” da banda Legião Urbana<sup>III</sup>.

Nas favelas, no Senado  
Sujeira pra todo lado  
Ninguém respeita a Constituição  
Mas todos acreditam no futuro da nação  
Que país é este?  
Que país é este?  
Que país é este?  
No Amazonas, no Araguaia iá, iá  
Na baixada fluminense  
Mato Grosso, Minas Gerais  
E no Nordeste tudo em paz  
Na morte eu descanso  
Mas o sangue anda solto  
Manchando os papéis, documentos fiéis  
Ao descanso do patrão



Que país é este?  
Que país é este?  
Que país é este?  
Que país é este?  
Terceiro mundo  
Se for piada no exterior  
Mas o Brasil vai ficar rico  
Vamos faturar um milhão  
Quando vendermos todas as almas  
Dos nossos índios num leilão

Uma das mais famosas músicas do BRock, a canção produz uma forte crítica ao futuro para qual o Brasil se encaminha. Corrupção, violência velada, abuso de poder, destrato com os índios e a classificação de terceiro mundo - transformando o país em chacota internacional - levam o eulírico a questionar que caminho o Brasil está tomando. Na música notamos um discurso discriminador diante da condição social vigente, graças à atuação de políticos corruptos. Também há uma sensação de desesperança, disfarçada pela ironia, ao falar do futuro do país, ao defender que a solução para se recuperar da crise econômica era vender parte de sua população de excluídos; os índios.

Outra questão crucial para entendermos não só a comunidade jovem, mas toda a sociedade brasileira da década de 1980 é o direito ao voto para presidente. Perdido desde a implantação da ditadura militar em 1964, sendo exercido pela última vez em 1960, a luta pela retomada desse direito foi uma das principais exigências surgidas com a Anistia, em 1979. Com os militares acenando uma retirada - mesmo que lenta e gradual - o executivo se tornou um local de intensas disputas nesse processo. O rock não tinha como se afastar dessa questão, diversas músicas foram lançadas sobre a retomada desse direito, entre elas destacaremos "Inútil", da banda Ultraje a Rigor<sup>IV</sup>.

A gente não sabemos escolher presidente  
A gente não sabemos tomar conta da gente  
A gente não sabemos nem escovar os dente  
Tem gringo pensando que nós é indigente  
Inútil  
A gente somos inútil  
Inútil  
A gente somos inútil  
Inútil



A gente somos inútil  
Inútil  
A gente somos inútil  
A gente faz carro e não sabe guiar  
A gente faz trilho e não tem trem pra botar  
A gente faz filho e não consegue criar  
A gente pede grana e não consegue pagar  
Inútil  
A gente somos inútil  
Inútil  
A gente somos inútil  
Inútil  
A gente somos inútil  
Inútil  
A gente somos inútil  
A gente faz música e não consegue cantar  
A gente escreve livro e não consegue publicar  
A gente escreve peça e não consegue encenar  
A gente joga bola e não consegue ganhar

A música formada através da sonoridade da palavra “inútil,” uma declaração de Pelé afirmando que os brasileiros não estavam preparados para votar, a frase “a gente somos” vindo de uma pessoa rica e de uma reportagem dizendo que 90% dos brasileiros tinham cárie (ASCENÇÃO, 2011, p.38) se transformou num dos principais hinos político da época. O jovem da década de 1980 ouviu durante sua infância sobre o crescimento do país, porém ao crescer não conseguiu desfrutar do que era anunciado, já passavam cinco anos do anuncio da transição, mas a falta de liberdade política continuava, tais fatores levaram-nos a formação de um sentimento de contestação ao país.

Ao utilizar a metalinguagem (ênfase do não saber através da conjugação errada do verbo “saber”) a personagem se faz porta-voz da coletividade que é o povo brasileiro, o que facilitou a sua aceitação pela população e a sua utilização no meio político. Através de uma linguagem cômica e negativa a música explora as frustrações do Brasil desde o campo político ao dos esportes. A música é tão emblemática, que foi adotada como um dos hinos no principal movimento popular do período: As Diretas Já.

Essa questão pelo direito ao voto estava presente, inclusive, no principal festival roqueiro do período, o Rock in Rio. O evento que aconteceu paralelo à eleição indireta para presidente em 1985 foi um local onde diversos grupos de jovens conseguiram expor suas visões políticas através de seus



estilos e as bandas roqueiras através de suas performances. Nele notamos que a ação da música dentro da sociedade não se limita apenas as letras, mas está presente em suas diversas linguagens.

##### 5. *O Rock in Rio como espaço da política.*

O festival Rock in Rio é um dos eventos mais complexos da história da música brasileira. Sua primeira edição foi um divisor de águas dentro do nosso campo musical, pois, foi um dos principais fatores que contribuíram para que o rock se consolidasse no Brasil e se transformasse num gênero representativo da comunidade jovem brasileira durante a década de 1980.

Antes, durante e depois das suas apresentações, o festival esteve envolto em discussões políticas<sup>V</sup>. Nele notamos sinais do uso do rock como ação política pelo público e pelas bandas do evento, além de manifestações através de símbolos e placas. A eleição indireta para presidente ocorreu durante o evento e este se transformou num local onde os jovens que circulavam por lá expunham suas questões sobre o retorno de um civil à presidência após 20 anos de governo militar. Após o resultado do pleito, Kadu Moliterno, o apresentador do Rock in Rio, abriu o festival exaltando-o como o primeiro show da democracia brasileira.

O Rock in Rio foi acompanhado pelos principais periódicos do Brasil, por isso ele foi fartamente documentado pela mídia escrita e televisiva. A partir de uma pesquisa na página da hemeroteca da Biblioteca Nacional<sup>VI</sup>, o professor pode trabalhar em sala como as manifestações através da roupa verde e amarela e bandeiras do Brasil, um símbolo naquela época do processo de redemocratização, ou com os cartazes que remetiam a votação e a saída dos militares do executivo. Além disso, pode-se trabalhar com as declarações tanto dos artistas quando do público presente que apoiavam Tancredo Neves, o político que representava a retomada do governo pelos civis.

Com a ajuda do *Youtube* ou outros reprodutores de vídeos, pode-se também fazer um trabalho a partir das apresentações das bandas. A partir da performance delas, podemos ver como a música utiliza certos simbolismos para agir politicamente. Nesse trabalhamos destacaremos a apresentação da banda Barão Vermelho para ilustrar esse tipo de análise. Esse show pode ser encontrado na internet<sup>VII</sup>, o que facilita sua exposição para uma turma.

A apresentação do grupo musical Barão Vermelho no dia 15 de janeiro de 1985 foi especial. Ocorrida no dia que foi anunciada a vitória de Tancredo Neves sobre Paulo Maluf, a banda fez um



show que reforçou o sentimento de retomada do poder pelos civis. A banda entrou no palco com alguns músicos vestidos com roupas verde e amarela ou usando bandeiras do Brasil próximas de seus instrumentos. O cantor Cazuza enaltece o surgimento de um novo país diversas vezes durante o show, mostrando um sentimento de renovação e esperança.

Para finalizar, na música de encerramento, “pro dia nascer feliz”, Cazuza troca o refrão para “o Brasil nascer feliz” e aparece envolto com a bandeira nacional no palco ressignificando a canção que tratava de um tema romântico e naquela hora era substituído por uma temática política. Com isso, podemos trabalhar quais os objetivos e significados dessa mudança, além de poder trabalhar com os diversos elementos simbólicos presentes no palco durante essa performance.

## 6. Conclusão

As atividades aqui apresentadas são algumas possibilidades para se usar a música no ensino de História. Para por em prática esses exercícios, é necessário que o professor conheça a sua turma e tenha acesso às ferramentas necessárias para esse cada tipo de trabalho. Tendo a percepção que esse tipo de trabalho tem um bom retorno de seus alunos e que a instituição possa fornecer os meios para isso, a música então se apresenta como uma ferramenta importante para o estudo da História.

Não é necessário se limitar apenas a esse período ditatorial ou ao rock para essa prática. Outros estilos e épocas também apresentam características que podem ser exploradas. A partir do Samba da década de 1930 podemos debater sobre Era Vargas (1930-45), da Bossa Nova fazemos um paralelo com a modernização feita pelo governo de Juscelino Kubitschek (1956-60), também utilizamos a Música Popular Brasileira para explicar a Ditadura Civil-Militar (1964-85) ou o funk para pensar a divisão social do Rio de Janeiro na década de 1990.

A música é uma ferramenta importante para ser usada pelos docentes nas reflexões sobre a sociedade em que vivemos. Ao expandirmos nosso olhar sobre as relações entre música e sociedade através da História abrimos uma nova estrada para percorremos junto de nossos alunos, onde teremos uma renovação de olhares sobre nossas vivências.

## Bibliografia

AFONSO, Luís Felipe Fernandes. “*ERA UM GAROTO QUE COMO EU AMAVAOS BEATLES E OS ROLLING STONES*”: Rock e cultura jovem no Brasil por uma perspectiva comparada (1963-





1969 X 1982-1987). 308f. Doutorado em História Comparada. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. “PRO BRASIL NASCER FELIZ”: *Rock in Rio, juventude e redemocratização no Brasil*. *Revista Hydra: Revista Discente De História Da UNIFESP*, 3(6), 9–35, 2019.

ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de luta: o rock e o Brasil dos anos 80*. São Paulo: DBA Dórea Books and Art, 2002.

ASCENSÃO, Andréa. *Nós Vamos Invadir sua Praia*. Belas Letras, 1º edição, 2011.

BARROS, J. D. *História e música: considerações sobre suas possibilidades de interação*. *Revista História & Perspectivas*, v. 31, n. 58, Uberlândia, p.25-40, 2019.

BRYAN, Guilherme. *Quem tem um sonho não dança: cultura jovem brasileira nos anos 80*. RJ, Record, 2004.

CARDOSO, Ruth e SAMPAIO, Helena. *Bibliografia sobre juventude*. São Paulo. Edusp, 1995.

DAPIEVE, Arthur. *BRock: Rock brasileiro dos anos 80*. SP, Editora 34, 1995

FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll: Uma História Social*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FRITH, Simon. *La Sociologia del Rock*. Madrid: Ediciones Jucar, 1980.

\_\_\_\_\_. *Performing rite: on the value of popular music*. Massachussets: Harvard University Press, 1998.

MATTERN, Mark. *Acting in Concert: Music, Community and Political Action*. New Jersey: Rutgers University Press. 1998.

NAPOLITANO, Marcos. *História & Música: História cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NAVES, Santuza Cambraia. *Canção popular no Brasil: a canção crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

STREET, John. *Music and Politics*. Cambridge: Polity Press, 2012

---

<sup>1</sup> Termo criado pelo jornalista Arthur Dapieve para designar o rock brasileiro da década de 1980. Alguns pesquisadores chamam esse grupo de Rock Brasil, porém, por ser um dos mais aceitos entre os analistas do período usaremos essa designação.





<sup>II</sup> A ideia de “solvente social” não será trabalhada nesse artigo. Para um debate mais aprofundado sobre essa dualidade e como isso está ligado a consolidação do rock brasileiro como um gênero musical dentro de nosso campo cultural ver AFONSO, Luís Felipe F. “ERA UM GAROTO QUE COMO EU AMAVAOS BEATLES E OS ROLLING STONES”: Rock e cultura jovem no Brasil por uma perspectiva comparada (1963-1969 X 1982-1987). 308f. Doutorado em História Comparada. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

<sup>III</sup> “Que país é este”, letra de Renato Russo. Álbum “Que país é este: 1978/1987”, 1987.

<sup>IV</sup> “Inútil”, letra de Roger Moreira. Álbum “Nós vamos invadir sua praia.”, 1984.

<sup>V</sup> Não exploremos esses eventos visto que não é o foco principal do artigo. Para mais informações sobre as diversas questões políticas que envolviam a primeira edição do Rock in Rio ver o artigo AFONSO, Luís Felipe Fernandes. “*PRO BRASIL NASCER FELIZ*”: Rock in Rio, juventude e redemocratização no Brasil. Revista Hydra: Revista Discente De História Da UNIFESP, 3(6), 9–35, 2019.

<sup>VI</sup> <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> acessado em 14 de outubro de 2024.

<sup>VII</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=8bbsCPKLnUM> acessado em 14 de outubro de 2024.

Artigo submetido em 30/01/2025, aceito em 21/06/2025 e publicado em 10/07/2025.

